

Transitando¹

Amanda RODOVALHO²

Daniel POMPEU³

Ellen MELO⁴

Nasser PENA⁵

Marcel MANO⁶

Universidade de Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O presente artigo descreve o processo de produção do documentário intitulado de “Transitando”, além de apresentar aspectos e definições no que tange à sexualidade, principalmente à transsexualidade, fenômeno este que ainda não encontra respaldo no espaço público da sociedade para ser debatido em decorrência dos *tabus* que a causa carrega. O documentário fora produzido pelos alunos de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014, e pretendeu revelar aspectos do cotidiano de duas transexuais, bem como seu dia-a-dia até as dificuldades enfrentadas por elas, tanto na legislação quanto nos processos do ambulatório para a realização da mudança de sexo.

PALAVRAS-CHAVE: identidade de gênero, transsexualidade, identidade.

1 INTRODUÇÃO

A transsexualidade é um fenômeno que está sendo amplamente divulgado nos dias de hoje (tendo em mente de que essas comunidades não se organizavam antigamente como fazem nos tempos atuais, em decorrência do maior preconceito sofrido e os impedimentos, por exemplo, no que tange à legislação, como a legalização do nome trans), a comunidade de transexuais sofre pejorativamente com ações e palavras de toda uma sociedade que ainda desconhece esse grupo social.

Por se tratar de uma questão cultural e social, a comunidade trans é amplamente mal interpretada. É preciso que se coloque no lugar desses indivíduos para que se entenda o que se passa com os seus corpos e mentes. O grupo acompanhou a rotina, em especial, de duas transexuais, além de se encontrar com o grupo de apoio LGBT de Uberlândia, o SHAMA.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria: Cinema e Audiovisual, modalidade: Fotografia em Movimento

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. semestre do Curso de Comunicação Social, e-mail: amanda.caroline2.0@gmail.com

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social, e-mail: danpomp@gmail.com

⁴ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social, e-mail: ellen-fm@hotmail.com

⁵ Estudante do 1º. Semestre do Curso de Comunicação Social, e-mail:

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, membro do Instituto de Ciências Sociais, e-mail: marcelmano@incis.ufu.br

O termo "Trans" é utilizado para abrigar uma diversidade de identidades de gênero de pessoas que social, cultural, política e psicologicamente não se percebem conforme o gênero que lhes foi designado ao nascer em função de seu genital. Esse termo também foi utilizado no título do trabalho, dando uma perspectiva de movimento para o fenômeno trans.

Esse trabalho, ancorado em pesquisadores e estudiosos sobre teorias de sexualidade, gênero e transexualidade, tenta trazer à tona a problemática desse grupo, contribuindo para o maior conhecimento do mesmo. Um dos grandes desafios foi tentar retratar esse ambiente tão rico de maneira que respeitasse o direito de todos e almejando propor uma reflexão para as pessoas que possuem algum prejulgamento.

2 OBJETIVO

Trabalho produzido para a disciplina de Antropologia Cultural em 2014, teve como principal objetivo a tentativa de abranger inúmeros aspectos referentes à vida das pessoas que pertencem à comunidade trans. Desde o cotidiano, ao explorar as dificuldades, preconceitos e conquistas de nossas personagens, à visão da sociedade, o trabalho realizado pela ONG SHAMA (Associação Homossexual de Ajuda Mútua), o processo de adequação de gênero, e as consequências desse processo para o emocional da pessoa trans.

Nesse sentido, a Fotografia contribuiu para que o trabalho apresentasse ao expectador a sensação da invisibilidade dessa comunidade. Recursos como iluminação, movimentação e principalmente enquadramento possibilitaram uma relação da Fotografia com a árdua realidade vivida pelas personagens.

3 JUSTIFICATIVA

A transexualidade é um fenômeno transversal a várias esferas da vivência humana, como por exemplo, o sexo, a sexualidade, o corpo e o gênero. Abordada por algumas áreas, como a medicina, na perspectiva patológica de desvio comportamental, ela tem ganhado outras nuances a partir de estudos sociais e antropológicos.

De acordo com CASTEL (2001, p. 77) *apud* ARÁN (2006, p. 50) a transexualidade: “Em linhas gerais, caracteriza-se pelo sentimento intenso de não-pertencimento ao sexo anatômico, sem a manifestação de distúrbios delirantes e sem bases orgânicas (como o hermafroditismo ou qualquer outra anomalia endócrina).” Assim, pode-se entender que uma pessoa transexual é aquela que se encontra desalinhada no eixo sexo anatômico/auto-

identificação de gênero, enquanto, na contrapartida, uma pessoa que tem esse eixo alinhado pode ser considerada cissexual.

Nesse contexto, é importante delimitar o sentido de auto-identificação de gênero ou identidade de gênero. “[...] a identidade de gênero faz referência a como nós reconhecemos dentro dos padrões de gênero estabelecidos socialmente”. (Site PL 122), ou seja, é o auto-reconhecimento enquanto indivíduo dentro de um papel de gênero socialmente e culturalmente estabelecido.

A sexualidade humana, nos últimos períodos, tem sido vista não como determinada pelo sexo biológico (de nascimento), mas sim por um conjunto de fatores sociais, culturais e políticos em que os indivíduos se encontram. Há registro de diversas manifestações de sexualidade como a heterossexualidade, a homossexualidade, a assexualidade e a transexualidade, objeto desse estudo.

Já havendo o entendimento de que a transexualidade representa um deslocamento no sentido sexo biológico/identidade de gênero, pode-se inferir que o sexo é algo relacionado à natureza, à genética, enquanto o gênero se relaciona com a cultura. E, este último estando no campo da cultura, tem sua compreensão variada de acordo com o contexto social e histórico.

Nos dias de hoje, ainda é um tabu falar sobre a transexualidade, bem como todos os desvios do que é considerado um padrão normal, heterossexual e cisgênero. Ainda que algumas sociedades como a Índia tenha reconhecido oficialmente a transexualidade, “O reconhecimento dos transgêneros como terceiro gênero não é uma questão social ou médica, mas de direitos humanos”, declarou o juiz K.S. Radhakrishnan” (<http://g1.globo.com>) as sociedades ocidentais ainda lidam com os desvios de sexualidade e gênero com perspectivas alicerçadas nas religiões monoteístas e em pressupostos morais. Estes aspectos dificultam o reconhecimento de uma identidade transexual, bem como o acesso a direitos por parte desta população.

É no sentido de acesso e garantia a direitos que, hoje, caminha o recente movimento trans, secundarizado no cotidiano do movimento LGBT, de lésbicas, gays, bissexuais e travestis. Esse movimento recentemente recebeu uma nova consoante à sua sigla, mais um “T”, tornando-se LGBTT, sendo o último “T” referente a transexuais. Além disso, outro viés que o movimento trans permeia é o de despatologização desse fenômeno como destaca NERY (2011, p. 11) *apud* ROCHA & SÁ (2013, p. 2342) “Os movimentos transgênero, promovidos por diversas associações, por sua vez, buscam excluir do discurso da transexualidade o sufixo ‘ismo’, com o propósito de evitar a patologização dessa realidade de gênero.” Mesmo

movimento que ocorreu acerca da homossexualidade, na tentativa de humanizar um fenômeno que por muito tempo foi e ainda é socioculturalmente hostilizado e atacado.

Entretanto, o espaço para a agenda transexual no movimento LGBTTT é ainda limitado, a tendência é que o movimento trans se expanda para que possa garantir sua representatividade, embasado por novas correntes como o Transfeminismo e Teoria *Queer*.

PINO (2007, p. 160) *apud* ÁVILA & GROSSI (2010, p. 11) aponta o contexto de surgimento do pensamento *queer*: “ (...) a teoria queer surge em um momento de reavaliação crítica da política de identidades. Assim, busca evidenciar como conhecimentos e práticas sexualizam corpos, desejos, identidades e instituições sociais numa organização fundada na heterossexualidade compulsória (...)”, o que revela novamente a tendência das sociedades de criarem sistemas de identificações baseados num referencial de normalidade e a necessidade do desenvolvimento de correntes de pensamento e movimentos que questionem essa noção preestabelecida.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A câmera utilizada no trabalho foi uma DSLR Canon Rebel T3i, equipada com uma objetiva Canon 18-55. Utilizamos o ISO em 200 no início do documentário, pois as gravações se deram em local aberto e ensolarado, ao contrário do local fechado onde se deram as entrevistas de Edimar e Mikael, onde o ISO foi configurado para 800. Na parte inicial, onde acompanhamos o dia de Michelle e Andressa, realizamos tomadas curtas, dinâmicas e sem demasiada preocupação com estabilidade, exatamente para aumentar a sensação de movimento. Durante as duas entrevistas finais, optamos por um modelo clássico de posicionamento da câmera estabilizada com o tripé. Não houve cortes durante as entrevistas, pois, julgamos que os sujeitos exerceram bom uso da retórica e foram concisos, não havendo necessidade de editar as falas.

Desde o começo do planejamento do trabalho, foi consenso entre o grupo que nossa proposta seria de desconstruir estereótipos conservadores sobre o estilo de vida dos transsexuais. A fotografia no início do trabalho é resultado disso. Acompanhando Michelle e Andressa por uma manhã com a câmera, propusemos mostrar que pessoas transgênero também realizam atividades rotineiras e podem ter uma vida “normal”, além das concepções generalizantes de que todos os transsexuais se encontram na prostituição ou outras situações marginalizadas pela sociedade.

A metodologia do projeto antropológico aconteceu por meio da observação do sujeito, que busca não somente a reflexão, mas também a constituição de um saber que concretize a existência do homem (neste caso, grupo/comunidade trans) contemplou a pesquisa de campo e o desenvolvimento do documentário em vários aspectos, que variam desde as dificuldades encontradas por estes sujeitos na sociedade até mesmo os próprios infortúnios quanto à aceitação própria, que envolve o processo de associação/dissociação de gênero biológico com gênero ao qual o sujeito se identifica.

O primeiro dia de campo consistiu em passar uma manhã com Andressa e Michelle (que autorizaram o uso de seus nomes), duas mulheres transgênero, que também são um casal homossexual. Chegamos ao pequeno condomínio, no bairro Santa Luzia, município de Uberlândia, Minas Gerais por volta das 10 horas da manhã. Andressa e Michelle falaram sobre seu relacionamento, como este começou e seu desenrolar até o momento presente, sua difícil situação financeira e o preconceito que sofrem ao se candidatar à vagas de emprego, por isso estão desempregadas a vários meses.

As duas contaram sobre sua rotina, esta que, como já dito, foi uma proposta da observação etnográfica: quebrar o estereótipo de que pessoas trans são em sua totalidade prostitutas ou que tem rotinas fora do espectro da normalidade. Acompanhamos e registramos Michelle e Andressa em tarefas rotineiras, como lavar a louça, fazer café, comprar pão, passear com o cachorro, assistir televisão.

No final da manhã, elas nos concederam uma entrevista mais detalhada sobre o próprio processo de aceitação e o da família, as dificuldades de se conseguir realizar a cirurgia de adequação de gênero, tentativas de suicídio e o uso não acompanhado de hormônios.

De forma geral, foi uma manhã intensa e que foge às observações usuais de pessoas trans em meios marginalizados. Andressa e Michelle ofereceram um retrato de sua intimidade, além de contar suas histórias e como a transexualidade permeou sua realidade nos últimos anos.

Como segundo dia de campo, comparecemos a uma reunião da ONG Shama (Associação Homossexual de Ajuda Mútua), mais especificamente do Natu (Núcleo de Apoio à Transgêneros de Uberlândia) durante o período noturno. Cerca de 10 homens e mulheres trans estavam presentes na reunião e dividiram suas experiências, dificuldades e superações na vida pessoal. O presidente do Shama, Edimar Sierota, mediou a reunião, esclarecendo aos novatos o funcionamento da ONG e dando informações básicas sobre o movimento trans. O encontro, como avaliamos, é conduzido de maneira horizontal, onde os espaços de fala são respeitados e todos podem dividir e discutir de maneira democrática.

Após o fim da reunião, Edimar, apresentou nossa proposta aos participantes e explicou que quem se sentisse confortável poderia nos conceder uma entrevista, seja em vídeo ou apenas áudio. Um dos novatos, Mikael, ofereceu-se para conceder uma entrevista em vídeo, entrevista esta que entrou para o produto final pela facilidade comunicativa de Mikael e sua sinceridade ao contar suas experiências.

Por fim, a reunião na ONG foi de extrema importância para que o grupo tivesse contato com a diversidade de pessoas e estilos de vida dentro do próprio universo trans. Enquanto uns estão lutando para conseguir um emprego, entrar na faculdade e se aceitar, outros já têm sua empresa, estabilidade financeira e emocional.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Documentário “Transitando” é resultado de um trabalho realizado para a disciplina de Antropologia Cultural e se foi feito a partir de uma abordagem etnográfica. Nesse sentido, o documentário apresenta um recorte de um grupo social, o das pessoas transexuais, e suas relações e as demais esferas sociais, como o trabalho, o ensino e a participação social.

Na grande maioria das vezes os transexuais são vistos pela sociedade de forma estranha e como um incômodo, além disso, a maior parte das pessoas não enxerga os trans como pessoas comuns com uma vida ordinária e rotineira como as delas. Nesse sentido, o enquadramento utilizado durante o processo de realização do documentário busca representar o afastamento da sociedade com a população transexual a partir de um processo de filmagem que evita mostrar a face das personagens trans no início da produção. A escolha desse enquadramento é uma relação de verossimilhança com a realidade das pessoas trans que são em todo momento invisibilizadas na sociedade.

Outro importante fator de filmagem foi a iluminação, feita em todas as cenas sem nenhum recurso tecnológico além da luz artificial das próprias lâmpadas presentes nos ambientes filmados.

6 CONSIDERAÇÕES

Este trabalho serviu como impulso para novas buscas e investigações a respeito de grupos socialmente oprimidos e minorias socioculturais. O contato com a comunidade trans, bem como com o movimento transexual, mostrou ao grupo o quão incipientes e escassas ainda são as ações na busca do reconhecimento da identidade trans, além disso, no campo teórico, as formulações a respeito da diversidade de gênero ainda são muito escassas.

A luta pelo reconhecimento da identidade de gênero e a das minorias ainda é longa e isso ficou evidente durante o processo de realização do trabalho. Porém, a vontade de reconhecimento e de justiça social também se evidenciou. O grupo trans perpassa por pautas interseccionais como o sexo, a sexualidade, o gênero, o corpo, o desejo e a identidade, que são aspectos comuns na vida humana e devem ser respeitadas em sua diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARÁN, M. A Transexualidade e a Gramática Normativa do Sistema Sexo-Gênero, **Revista Ágora**, v. IX n.1, 2006, Rio de Janeiro. Disponível em: www.scielo.com

ÁVILA, S. e GROSSI, M. P., Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora Queer, Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH –, 2010, Natal – RN

LGBT BRASIL na diferença, todos iguais. Cartilha LGBT eleições 2014. Disponível em: http://www.lgbtbrasil.com.br/Cartilha/cartilha_lgbtbrasil.pdf. Acesso em: 05 jan. 2015.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1, Suprema corte da Índia reconhece existência de terceiro gênero, 2014, disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/suprema-corte-da-india-reconhece-existencia-de-terceiro-genero.html>

ROCHA, M. V. e SÁ, I. R., Transexualidade e o Direito Fundamental à Identidade de Gênero, **Revista IDB**, 2013, Ano 2, nº 3. Lisboa, Portugal.

SITE PL122, Orientação e Identidade de Gênero, 2014, disponível em: <http://www.plc122.com.br/orientacao-e-identidade-de-genero>.